



Descortinando o Museu dos Dinossauros: Narrativa Interpretativa Para Além de sua Exposição

Maria Betânia Moreira Carvalho Silva ^{ID} • Pedro Donizete Colombo Junior ^{ID}

Resumo

Este artigo discute o Museu dos Dinossauros (MD), localizado na cidade de Uberaba, Minas Gerais, a partir de pressupostos da museologia social e de constructos teóricos decoloniais. O estudo reflete uma continuidade de análises sobre a temática em questão na qual buscou-se reconhecer o espaço museal, sua história e seus vínculos com a comunidade local. Assim, foi desenvolvida uma investigação qualitativa, de natureza estudo de caso, com a construção de uma narrativa de um líder comunitário que na vivência cotidiana compartilha o espaço com o museu, aprofundando os resultados outrora encontrados. A partir da narrativa, as discussões caminharam para uma (re)leitura do museu a partir de três unidades de análise: histórica, sócio-política e poética-pedagógica. A pesquisa apontou que olhar e interpretar o museu para além de saberes científicos arraigados em suas exposições e, perceber as pessoas que vivenciam o museu enriquece os sentidos e olhares para estas instituições. Revela também que este movimento é fundamental para uma compreensão integral do MD, ressignificando a instituição para a comunidade local, para a gestão e visitantes.

Palavras-chave: Museu dos Dinossauros, Decolonialidade, território, narrativas

Unveiling the Dinosaur Museum: Interpretative Narrative Beyond its Exposure

Abstract

This article discusses the Museum of Dinosaurs (MD) in Uberaba, Minas Gerais, based on assumptions of social museology and decolonial theoretical constructs. The study reflects a continuity of analysis on the theme in which we sought to recognize the museum space, its history, and its links with the local community. Thus, a qualitative investigation was carried out of a case study, construction a narrative of a community leader who shares space with the museum daily, deepening the results. From the report, the discussions moved towards a reading of the museum from three units of analysis: historical, socio-political, and poetic-pedagogical. The research pointed out that looking at and interpreting the museum beyond the scientific knowledge rooted in its exhibitions and perceiving the people who experience the museum enriches the senses and views of these institutions. It also reveals that this movement is fundamental for an integral understanding of the MD, giving new meaning to the institution for the local community, management, and visitors.

Keywords: Dinosaur Museum, Decoloniality, territory, narratives

Descubriendo el Museo de Dinosaurios: Narrativa Interpretativa Más Allá de su Exposición

Resumen

Este artículo analiza el Museo de Dinosaurios (MD), ubicado en la ciudad de Uberaba, Minas Gerais, de supuestos de museología social y construcciones teóricas decoloniales. El estudio refleja una continuidad de los análisis sobre el tema en cuestión que buscaba reconocer el espacio museal, su historia y sus lazos con la comunidad local. Así, se desarrolló una investigación cualitativa de un estudio de caso, con la construcción de una narración de un líder comunitario que en experiencia cotidiana comparte el espacio con el museo, profundizando los resultados una vez encontrados. Desde la narración, las discusiones se trasladaron a una (re) lectura del museo de tres unidades de análisis: histórico, sociopolítico y poético-pedagógico. La investigación señaló que mirar e interpretar el museo más allá del conocimiento científico arraigado en sus exposiciones y, al percibir a las personas que experimentan el museo enriquecen los sentidos y busca estas instituciones. También revela que este movimiento es fundamental para una comprensión integral del MD, renunciando a la institución a la comunidad local, la gerencia y los visitantes.

Palabras clave: Museo de Dinosaurios, Decolonialidad, territorio, narraciones

De Onde Partimos?

Pesquisar uma instituição museal a partir de sua comunidade de entorno, que compartilha territórios, se apresenta como desafio indissociável de questões históricas, sociais, políticas, educacionais e culturais, imbricadas em lutas e disputas de poder que foram construídas ao longo do tempo. Tais apontamentos foram objeto de uma recente pesquisa que desenvolvemos, na qual analisando a percepção de três moradores da comunidade rural de Peirópolis (Uberaba/MG) na qual se situa o Museu dos Dinossauros (MD), encontramos que reconhecer a importância da relação entre o museu e a comunidade permite refletir sobre sua própria essência, decodificando dimensões como: sociocultural e reviver memórias, sentimento de in/exclusão e empoderamento participativo (Silva & Colombo Junior, 2021).

Como desdobramento desta pesquisa, foi percebida em discussões de nosso grupo de pesquisa a necessidade de aprofundar as análises sobre a percepção de um dos participantes, morador há mais de trinta anos do local, visto que era de nosso interesse aprofundar o entendimento de suas percepções sobre o MD, além de suas inquietações não se esgotarem nas discussões realizadas, tendo muito a desvendar sobre a constituição do MD. Dito isso, aqui partimos de descortinar o MD¹ através do processo da construção de uma narrativa, em um viés de estudo de caso.

1 Em meados de 2018 iniciamos uma pesquisa com os moradores do bairro rural de Peirópolis, em Uberaba/MG, território este que se encontra o Museu dos Dinossauros com o intuito de investigar a relação entre o museu e sua comunidade de entorno, sob o olhar da comunidade. A pesquisa culminou em uma dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (Silva, 2019). O presente artigo é um recorte desta pesquisa, centrado no estudo de caso de um líder comunitário.

Pontuamos que a história do território de Peirópolis tem em seu cerne um vínculo histórico-social intenso com este museu, sendo que grande parte do acervo da instituição (desde localizar e extrair fósseis de dinossauros até a montagens de réplicas) tem origem no trabalho colaborativo com moradores da comunidade em que ele está inserido. Sobre este aspecto, Carvalho e Leonardi (2022) apontam que a presença de pessoas leigas é um fator de grande relevância para novas descobertas e a ampliação dos acervos de museus, sendo responsáveis por algumas das grandes descobertas da Paleontologia brasileira, mesmo não aparecendo em publicações científicas.

Os autores mencionam ainda que estas pessoas “[...] são os Invisíveis da Ciência, que compreendem indígenas, escravizados, populações ribeirinhas, trabalhadores de minas e pedreiras e a população das aldeias ou cidades onde são encontrados fósseis e que contribuíram voluntariamente ou contrataram o auxílio de cientistas” (Carvalho & Leonardi, 2022, p. 1).

No contexto dos museus de ciências, em específico, é comum que para além de publicações acadêmicas, as pessoas que contribuíram para a constituição das exposições também não sejam lembradas nos espaços museais, ficando invisibilizadas ao grande público que os visitam, quiçá também na história e registros das instituições. É justamente neste contexto que se insere a pesquisa em tela, ou seja, buscamos a partir da museologia social e de constructos teóricos decoloniais, reconhecer a história e vínculos que constituem o Museu dos Dinossauros.

A museologia social, enquanto subsídio teórico apresenta os museus com uma função muito particular de aproximação com a sociedade, com suas demandas e realidades. E, descreve a instituição museal enquanto ente que busca contribuir com o desenvolvimento integral da pessoa (social, econômico, cultural, etc.), ou seja, independente da tipologia do museu, a museologia participativa é a defesa da museologia social (Siqueira, 2018; Silva, 2019). Assim, torna-se importante considerar os vínculos, laços de pertencimento, saberes e reconhecimento da importância do espaço museal para a comunidade local, do seu acervo advindos, não apenas de estudos acadêmicos, mas de experiências e vivências que as pessoas construíram (e constroem) com o espaço.

Atentos a construção e sentidos que os espaços adquirem ao longo do tempo, consideramos também as perspectivas da decolonidade como fomento para ampliar a discussão da pesquisa. Compreendemos que seus aportes teóricos podem contribuir para ampliar as discussões levantadas, legitimando os conhecimentos forjados a partir das experiências, práticas sociais, dos vínculos que foram sendo minados e silenciados em prol de uma hegemonia do conhecimento acadêmico instituído, amplamente instaurados e arraigados nos museus, em particular na construção de suas exposições.

Nesse fazer-se reflexivo, a ressignificação museal considera as práticas comunitárias, saberes locais e caminham numa perspectiva decolonizadora dos espaços e, no presente estudo voltada a constituição da ciência da paleontologia. Desta forma, reconhecer as pessoas invisibilizadas no tempo e no espaço da construção do MD caminha no sentido de registrar a memória local e a comunidade enquanto elementos fundamentais para a constituição do geopatrimônio, salvaguardando a constituição de memórias com o espaço em questão.

A pesquisa aqui apresentada figura-se como um estudo qualitativo de natureza estudo de caso, em que os dados são construídos a partir de constantes diálogos com um líder comunitário (Sr. Jair), morador da comunidade há mais de 30 anos. Os resultados são organizados e discutidos a partir de dois movimentos: a construção de uma narrativa sobre o espaço e, o delineamento de três unidades de análise, derivadas da narrativa construída (histórica, sócio-política e, poética-pedagógica) e que contribuem para melhor entender o MD, valorizando a memória social local.

Pressupostos Decoloniais e da Museologia Social

O movimento das grandes navegações, que ocorreu a partir dos séculos XV e XVI pelos países europeus (sobretudo por Portugal e Espanha) na conquista e exploração de novos territórios é um fato significativo na história da humanidade, que ampliou o mapa *Mundi* e operacionalizou uma lógica de dominação colonial pelos países europeus nos territórios “descobertos”².

A partir de uma ideia de superioridade, o colonialismo³ (período específico da colonização) marcou a formação intelectual, do conhecimento, de relacionar-se, (aqui implica as questões raciais, de gênero, etc.), de conceber os saberes dos povos, de se entender enquanto ser humano e cidadão do mundo, além de ter naturalizado a exploração econômica, política, religiosa, do meio ambiente continuam ocorrendo, modificando as formas de atuação.

Conscientes de como somos marcados por esse histórico colonial, o que leva a buscar referenciais de ser, saber, conhecer e apreender sobre o mundo em padrões nortecêntricos⁴, na segunda metade do século XIX, vários autores produziram seus estudos manifestando como o conhecimento produzido era margeado e limitado pelo cientificismo europeu, enquanto única epistemologia válida, e que invisibilizava os saberes produzidos nos países colonizados na lógica da superioridade e da dominação das epistemologias do norte.

Esse movimento perceptivo e denunciativo das diferentes formas de que somos colonizados e que parte em busca de rupturas e superações da lógica colonial, reconhecendo que ela ainda persiste, suscitou os estudos descoloniais, sobretudo na América Latina, na década de 1990 incorporando e aprofundando as discussões já presentes. E, demarcando que mesmo com a independência das colônias, a dominação nortecêntrica atravessa todos os campos da vida das pessoas, alicerçada por uma lógica capitalista. Acrescenta-se ainda o reconhecimento do conhecimento científico como único e infalível, além das marcar de relações sociais, sobretudo de gênero, racial, social, o que gera uma hierarquização entre diferentes agentes sociais.

2 A noção de descobrimento dos países há tempo já foi superada, baseado na ideia de que os países da América, da África já existia tanto em termos territoriais, de pessoas vivendo aqui, se relacionando, antes da chegada dos povos europeus. Assim, o que houve com a chegada dos povos europeus nestes territórios foi a “conquista” desses territórios, a exploração e dominação dos povos e recursos existentes nestas terras.

3 Em atenção aos objetivos da pesquisa, neste texto não entraremos nas discussões de diferenciação entre os termos colonialismo e colonialidade. Para ampliar esta discussão, sugerimos Assis (2014) e Avila (2021).

4 Esse norte, como bem aponta Santos (2018), ele não é geográfico, mas sim geopolítico.

A partir dessas constatações, importa refletir sobre a ecologia dos reconhecimentos, a emergência de outros paradigmas denunciando o epistemicídio sofrido pelos saberes tradicionais, dos povos do campo, dos movimentos comunitários, etc. Um movimento que busca evocar, assim, conhecimentos presentes na oralidade, nas sensibilidades, na ancestralidade, religiosidade, nas histórias de luta, na integralidade do ser (corpo/mente; sujeito/comunidade; sujeito/meio ambiente; sujeito/espiritualidade), (re) situando a ciência moderna dentro da ecologia dos saberes (Santos, 2018). Com isso, é preciso reconhecer que para além do cientificismo moderno, há muitos outros saberes necessários para a vivência e sobrevivência da sociedade e que, os museus de ciência não se situam fora deste contexto, uma vez que fazem parte da sociedade e propagam culturas em suas exposições, dentre elas a cultura científica (comumente trazida à base eurocêntrica).

Segundo Santos (2022), é preciso enxergar as propostas, as alternativas presentes nas resistências e experiências cotidianas das minorias que não são reconhecidas por não serem a elas atribuídas *status* de epistemologias. O conhecimento produzido com e nas comunidades precisa ser registrado e publicizado, para então ser visibilizado, em especial aqueles que “fogem” ao espectro nortecêntrico. No caso dos museus este é um movimento que pode ser percebido de diferentes modos, seja na hegemonia da ciência moderna em exposições, em que se apaga especificidades do que é mostrado, por exemplo, relativos à biodiversidade local, aos povos e costumes de uma região, ou ainda de culturas tradicionais. Ou seja, na invisibilização daqueles que contribuíram (e contribuem) de modo *decretorium* para a existência destas mesmas exposições.

A pesquisa em tela centra-se neste segundo ponto, ou seja, ao busca interpretar o MD a partir de sua comunidade de entorno, reconhecendo “o outro” como parte protagonista da história local, em que são revelados memórias, sentidos e, significados narrados e sensibilizados por aqueles que têm suas vidas entrelaçadas, quiçá transformadas, na construção do museu. O que se pretende é registrar e dar visibilidade às pessoas ocultadas em uma lógica de cientificidade moderna ocidental, a qual entrega os “louros” e inscreve na história oficial apenas os nomes dos estudiosos e cientistas, em diferentes áreas e espaços do conhecimento, no caso dos museus, presentes em suas exposições.

Importa, contudo, pontuar que discussões sobre a hegemonia da ciência moderna em exposições é um movimento crescente no campo museal, denunciando exposições que, como bem pontuado por Brulon (2020, p. 3), “decompõem o mundo em seus fragmentos para a compreensão visando a dominação de seu conjunto”. Sobre este aspecto, Marandino (2022, p. 788), por exemplo, investigou o papel educativo dos dioramas sobre o tema da “Floresta Amazônica” em uma perspectiva decolonial, encontrando evidências de “formas coloniais de dominação relativas à hegemonia da ciência moderna, expressa no apagamento da sociobiodiversidade amazônica”.

Neste contexto, a museologia social aponta para a aproximação com as teorias decoloniais, ao se constituir enquanto possibilidade de reconhecimento de saberes germinados nos enfrentamentos e ativismos sociais, nas formulações de estratégias

de lutas pelas memórias, autogestão comunitária, invisibilizadas em um projeto de história oficial, que borra a participação social que não se opera dentro do patriarcado e colonialismo. Segundo Siqueira (2016, p. 97), a museologia social compreende “um dispositivo valioso para a reconstrução das memórias e dos saberes comunitários, na produção da resiliência e do seu bem-viver”.

Em outras palavras, a museologia social compreende enxergar outros contextos e visões históricas, relacionando aos bens musealizados a presença de àqueles que contribuíram com esta construção, do partilhar o espaço e memórias.

Caracterização da Pesquisa e Caminhos Metodológicos

O Museu dos Dinossauros (MD)

Localizado a cerca de 20 km do centro de Uberaba/MG, na rodovia BR262, o MD compartilha território com a comunidade rural de Peirópolis, sendo visitados anualmente por milhares de pessoas, oriundas de diferentes regiões do país e também do exterior.

Números oficiais, divulgados pela diretoria do Complexo Cultural e Científico de Peirópolis — CCCP, indicaram que estiveram no museu, em 2022, mais de 120 mil pessoas. [...] a diretora cita que passaram de 15 os países que tiveram representantes visitando os museus de Peirópolis:[...] Pessoas vindas de diversas cidades passaram pelo Museu dos Dinossauros, provenientes de quase todos os estados da federação [...] (Universidade Federal do Triângulo Mineiro [UFTM], 2023, s/p).

O MD tem sua importância de acervo paleontológico reconhecida nacional e internacionalmente. Seus primeiros achados datam de 1945 na ocasião da construção de “um trecho ferroviário próximo à estação de Mangabeira na Fazenda Cassú, localizada ao norte da cidade de Uberaba” (UFTM, 2022). O espaço contém um acervo com milhares de itens, entre exposições de fósseis, réplicas e materiais de pesquisa (em laboratório).

Como retrata Ribeiro et al. (2011, p. 770), “dos mais de 4.000 espécimes existentes no acervo, estão presentes: dinossauros carnívoros e herbívoros, tartarugas, crocodilos, peixes, anfíbios, mamíferos, moluscos, crustáceos, algas, pteridófitas e icnofósseis”. O MD congrega três diferentes espaços, os quais fazem parte do Complexo Cultural e Científico de Peirópolis (CCCP). O primeiro espaço é um prédio que abrigava uma antiga estação ferroviária presente na comunidade. Este local foi revitalizado e, hoje, tem em seu acervo expositivos, dentre outros itens, fósseis de Dinossauros, diorama e biota da região (Figura 1).

Figura 1

Espaço do MD na antiga estação férrea



Nota. Antiga estação férrea que hoje abriga parte das exposições do MD. Arquivo pessoal dos autores.

O segundo espaço é um prédio que abriga a sede do CCCP, bem como os setores educativo, de pesquisa e administrativo da instituição. Neste local estão expostos diversos fósseis de dinossauros e várias réplicas, como o titanossauro *Uberabatitan ribeiroi* e a recém inaugurada réplica do dinossauro carnívoro *Megaraptor* (Figura 2). Também neste espaço há um amplo anfiteatro e salas de dois grupos de pesquisa (Centro de Pesquisas Paleontológicas “Llewellyn Ivor Price” e Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências).

Figura 2

Salão de exposições de fósseis e réplicas de dinossauros



Nota. Salão principal do MD que abriga exposições de fósseis e réplicas. Arquivo pessoal dos autores.

Por fim, o terceiro espaço que integra o MD refere-se a uma praça pública que interliga o espaço da antiga estação férrea com o salão da administração. Neste espaço há diversas réplicas de dinossauros, algumas com seis metros de altura e quatro de comprimento, réplicas de crocodilos, entre outras (Figura 3). O espaço é popularmente conhecido como “museu a céu aberto”.

Figura 3

Praça de exposição, “museu a céu aberto”, com réplicas de dinossauros



Nota. Réplicas de dinossauros, crocodilos, entre outras instaladas na praça central do CCCP. Arquivo pessoal dos autores.

Dada a história, a importância dos achados paleontológicos e a riqueza do acervo da instituição, valorizar o empenho e a participação da comunidade local de Peirópolis na constituição do MD dialoga com os constructos teóricos da museologia social, no sentido de lutas, reivindicações e no fazer das ações da instituição museológica em sua função de transformação social, de mobilização afetiva, social, educacional, econômica comunitária, na sua prioridade e sentido de existência (Chagas, 2022).

Tipologia e Participante da Pesquisa

Esta pesquisa é uma investigação qualitativa, de natureza estudo de caso, em que os dados são sustentados a partir da construção de uma narrativa de um líder comunitário de Peirópolis, que compartilha território com o museu há mais de três décadas.

Quanto a pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003) argumenta que esta abordagem se revela na construção dos dados a partir da partilha com as pessoas, suas realidades e seus territórios. O autor aponta que “a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social” (Chizzotti, 2003, p. 232).

O estudo do caso, por sua vez, se coloca como uma estratégia de investigação explanatória e compreensiva, em que se valoriza o conhecimento experiencial e as situações reais do fenômeno (André, 1984; Starman, 2013). Quanto a este tipo de investigação, Yin (2001) menciona que

os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real (Yin, 2001, p.19).

É justamente na busca por valorizar o conhecimento experiencial, as situações reais e os contextos da vida real que se coloca a presente investigação. Quanto a construção de narrativas, Kyoury (2006, p. 31) esclarece que são “textos impregnados de significados, mediados por formas como a consciência coletiva se forja nessa experiência de luta e como ela influi na atribuição de sentidos à realidade vivida e na construção dos destinos social”. Assim, a narrativa representa um material polissêmico e plural, carregado das diferenças impressões, vivências e seleções das memórias e evidências.

Neste recorte de pesquisa, elegemos para o estudo de caso um morador de Peirópolis, que é natural do município de Sacramento/MG e reside em Peirópolis desde 1956. Para manter o anonimato, o chamaremos pelo codinome Sr. Jair. A escolha por este morador foi motivada por ele ter um amplo conhecimento sobre a constituição e história do museu e ser líder comunitário local, representando a comunidade em diferentes instâncias, inclusive na relação com o museu.

As narrativas foram construídas a partir de contínuos encontros de diálogos entre uma pesquisadora e o Sr. Jair ao longo dos meses de maio de 2018 e junho de 2019, sendo todos os momentos áudio-gravados. Para isso, a pesquisa teve aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro e, aceitação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido pelo participante.

Os encontros realizados com Sr. Jair foram essenciais para garantir uma confiança mútua entre pesquisado e pesquisador e, com isso ampliar e aprofundar a construção de dados, extrapolando a simples realização de entrevistas. Ao todo foram áudio-gravados aproximadamente duas horas de efetivas conversas sobre o tema da pesquisa, ou seja, foram desconsiderados os períodos iniciais e finais de *rapport* (criação de empatia com outra pessoa) agregando segurança e diminuindo possíveis resistências no diálogo (Cohen et al., 2014).

Resultados

A Construção de uma Narrativa e Suas Unidades de Análise

A narrativa aqui trazida empreende um olhar para o MD a partir da museologia social e aportes decoloniais, enxergando que um museu de ciências pode ser narrado a partir da experiência, subjetividade, os enfrentamentos provocados por participar e ser parte daquele museu. Acrescenta a contribuição da narração como um meio que propaga o olhar educativo, o conhecimento científico cadenciado e propiciado na singularidade de estar no entorno do museu e advindo da prática social. A partir dos diálogos com o Sr. Jair, ao construir a narrativa, buscamos reavivar histórias e fatos ocultados em exposições que não questionam uma atmosfera nortecêntrica do fazer museal, centrada apenas em artefatos físicos e conceitos científicos, desconsiderando vertentes sociopolíticas e especificidades locais que contribuíram para a materialidade do que é exposto. No ato de se indignar, de se inconformar é que a luta vai acontecendo e o museu foi se materializando (Leite, 2018).

Neste contexto, a partir desse indignar-se que fissuramos o chão do MD para buscar que ele seja mais inclusivo, que valorizem os diferentes sujeitos, que contam as diferentes histórias e narrativas, que questionam a relação do museu com a vizinhança e com o desenvolvimento local. É nesse campo que se opera a mudança a partir do entendimento do nosso lugar social e o que podemos realizar para modificar a nossa realidade e dos que nos rodeiam. Dito isso, a figura a seguir (Figura 4) apresenta trechos da narrativa construída a partir dos diálogos com o Sr. Jair. Vislumbrando o delineamento de unidades de análises, optamos por seccionar a narrativa em 21 Excertos (Exc.), representativos de fatos que dialogam com os objetivos da pesquisa, mantendo, contudo, a sequência lógica de sua construção (Silva, 2019).

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em Excertos (Exc.)

Exc.01: *Meu nome é Jair, nasci no município de Sacramento/MG, vivi lá até a idade de 13 anos, depois eu vim para a comunidade rural de Peirópolis [Uberaba/MG]. Vim para cá em 1956, tem uns 62 anos que moro aqui. Morei em torno de uns 2 km dessa casa, e uns 15 anos que estamos aqui. Vim menino, vim para morar com um tio para trabalhar na Caeira, na fábrica de cal. Meu tio era serrador de madeira, e eu ficava ajudando fechando os sacos de cal. Com toda a andança, eu mudei para um sítio pertinho do asfalto, onde faz a escavação, morei ali 24 anos. Depois adquirimos o lote aqui [na comunidade de Peirópolis]. Tenho 3 filhos, eles moram em Uberaba. No sítio falei com os meus 3 meninos: vamos construir uma casinha lá em baixo, em Peirópolis, porque daí a gente mora no que é da gente, não dos outros e nós ficamos em um ponto estratégico, nós podemos morar lá e trabalharmos onde quisermos. E nós fizemos isso, assim vamos tocando a vida. Quando eu trabalhava na Caeira [fabrica de cal], estava acontecendo as primeiras escavações. A gente conheceu o Sr. Langestor [morador de Peirópolis, que se tornou auxiliar técnico do Departamento Nacional de Produção Mineral na localidade, sendo uma figura importante nas escavações até os anos 1990]. No começo ele trabalhava com uma lupa ele ia lá na Caeira, falava que estava escavando. A gente não dava tanta ênfase àquilo, mas falava se faz parte da cultura deixa a coisa rolar e fomos indo.*

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em Excertos (Exc.) (continuação)

<p>Exc.02: <i>Quando nós mudamos para o sítio, o Beethoven [importante ativista na defesa das reservas fossilíferas, municipalização dos fósseis, e construção do CCCP] trabalhava na Fundação Cultural de Uberaba, e foi instituído aqui para o bairro na gestão do prefeito da época. Ele procurou a comunidade para poder se unir e trabalhar em um idealismo só, em prol dos dinossauros. Muita gente falava: isso é bobeira! Mas a gente fez de tudo, lutou muito. Nessa época, eu trabalhava com horticultura e ia no CEASA vender. Tinha uma doutora que trabalhava na EMBRAPA que me disse que esteve olhando sobre o município de Uberaba e que só em Santa Rosa [distrito de Uberaba] que a comunidade estava formando uma associação, com presidente. Então, ela me perguntou se eu não queria fazer uma associação dos moradores em Peirópolis. Eu fui o primeiro presidente da comunidade Peirópolis. Eu disse a ela: Uai, vamos!</i></p>
<p>Exc.03: <i>Nisso o Beethoven estava vindo e participou conosco de tudo, da formação da associação, dando assistência, ensinando a importância e riqueza daqui [comunidade e berçário de fósseis]. Estávamos em um período de transição de prefeito. O novo prefeito eleito, entrou e queria estourar o projeto [de construção de um museu]. Não dava importância para cá, por causa pessoal, não sei bem o que aconteceu. O Beethoven me procurou e disse: a associação de vocês é nova, agora eu vou fazer uma associação dos amigos do sítio [referindo-se ao sítio paleontológico de Peirópolis], mas eu quero moradores daqui para ser presidente. Foi, então, que arrumou o Milton Reis [agricultor de Peirópolis, que foi o primeiro presidente da Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis]. O Milton ficou sendo presidente da associação dos amigos [Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis] e eu da associação dos moradores [Associação dos Moradores de Peirópolis]. Esperamos completar um ano de existência para poder entrar direitinho para valer na lei.</i></p>
<p>Exc.04: <i>Quando deu um ano de existência, então fizemos a primeira denúncia contra a mineradora de calcário, uma denúncia na COPAM [Conselho Estadual de Política Ambiental], lá de Belo Horizonte, para que eles [a indústria de calcário] se retratassem do que tinha feito, porque não podia e fomos, fomos lutando. Na época esta mineradora de calcário que tinha vindo para cá e estava destruindo o sítio [paleontológico], arrancando pedras de lá, de qualquer maneira. Quebrando tudo!</i></p>
<p>Exc.05: <i>A mineradora, colocou um moinho lá na frente [dentro da comunidade de Peirópolis, onde antes funcionava os armazéns para estocagem dos grãos para serem levados pelos vagões de trens e atualmente encontram-se abandonados no terreno da Fundação Cultural, foi colocado pela mineradora um moinho] dentro de Peirópolis, moendo pedras. Isso aqui era um pó calcário que só... os menininhos tudo com bronquite, aquela coisa toda... isso aqui nós não podíamos deixar acontecer. Fomos lutando, fomos juntando. A comunidade de Peirópolis começou a vir para o nosso lado, pois viu que estava prejudicando a saúde deles também. Aí, nesse meio tempo, em 1992 as duas associações [tanto a dos Moradores dos Sítio, quanto a dos Amigos do Sítio] foi fundida em uma só. Então, arrumamos um advogado em Belo Horizonte, que foi nosso defensor. Ele foi nos representar no Rio de Janeiro. Naquela época de 1992, o advogado falou que estava defendendo uma causa aqui em Minas Gerais sobre meio ambiente e assim fomos indo. Com o ganho da causa, fechou a mineradora e fomos lutando por esse espaço aqui [o sítio paleontológico e bairro rural de Peirópolis].</i></p>

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em *Excertos (Exc.)* (continuação)

Exc.06: *Por exemplo, nós juntamente com o escavador - na época era o dr. Diógenes Campo que vinha do Rio de Janeiro - que por incrível que pareça nós somos de uma idade só, ele é do dia 13/09, eu do dia 17/09 e o Beethoven do dia 31/08, nós pegávamos sentados em um bar, que era da Tereza, irmã da Lia, neta do Frederico Peiró [Frederico Peiró é quem dá nome ao bairro de Peirópolis, figura ilustre e homenageada da localidade], ao lado da casa do turista e planejávamos muitas coisas. Falamos, então, vamos fazer uma semana de dinossauro? Mas tem que ser na segunda semana de setembro para cair no nosso aniversário e comemorar. Quer dizer que foi uma coisa marcante né?! Nessa época [meados dos anos 1990/91], a gente estava lutando ainda para fazer o museu. O museu aconteceu assim!!!*

Exc.07: *Nós estávamos lutando para construir o museu, aí um vereador da época, viu aquela nossa peleja e disse vamos marcar uma audiência com a esposa do prefeito, ela vai vir para cá e nós vamos mostrar tudo isso aqui. Vamos levar ela para visitar as escavações e tudo. Aí ela veio, é viu que estava tudo escavado [pela mineradora]. Nós a levamos lá na pedreira. Um sujeito a cutucou e disse: o culpado disso daqui é o prefeito, porque ele foi assinar um alvará para a mineradora fazer isso daqui. A esposa do prefeito ficou caladinha. Então, ela marcou uma audiência conosco na Fundação Cultural de Uberaba e nós fomos. Chegando lá tinha muita gente, inclusive um radialista, todos puxando para o lado da empresa [mineradora de calcário]. O radialista me dizia para levar o Beethoven para Peirópolis, eu dizia ele é a mola mestra da luta. A esposa do prefeito me chamou e disse: o sujeito falou que o culpado é o prefeito! Eu expliquei: não, a culpa fica para ele, porque ele é mal informando.*

Exc.08: *Acham que aquilo está no meio do campo e não tem importância. Lá tem uma rocha, eles furam 8 metros para dentro da rocha a fora, põe dinamite lá no fundo, aquilo arreventa um tanto maior que essa casa. Quer dizer que os fósseis que estão ali, arreventa tudo. O entendimento foi: quer dizer que então... a mineradora tirou o alvará para poder fazer pesquisa e preservar, e já entrou detonando. O professor Diógenes fez a proposta: “Olha, vocês vão passando o trator de esteira, quando encontrar fósseis, vocês deixam que nós retiramos. Se não tiver nada vocês detonam aquela parte. Mas eles não faziam isso, chegavam e metiam o martelo. Setenta, oitenta caminhão passando dentro da comunidade de Peirópolis, aquele pó ficava tudo aqui. Se o Beethoven não tivesse com esse idealismo de fazer a associação dos amigos do sítio e a gente com a comunidade nós não estaríamos hoje nessa coisa boa que nós estamos aqui. Depois daquela conversa com ela, com a esposa do prefeito, no outro dia a secretária foi exonerada. Pensei, já está bom.*

Exc.09: *O dono da fábrica disse que tinha alugado esse pedaço, isso aqui tudo da FEPASA [Ferrovia Paulista S/A]. Colocou na balança lá onde é a estação, onde é o primeiro museu para os caminhões pesarem o calcário, quebrava [as pedras] aqui pertinho, gerando aquele pó aqui tudo. Nós caímos em cima, colocamos um advogado. Foi ver ele não tinha demarcação não, ele tinha alugado apenas 800 metros linear e eles estava utilizando mais que o espaço alugado. Nesse meio tempo tinha um fazendeiro da região, que até já faleceu, que foi a minha casa para falar que ficou sabendo que estavam formando uma associação em defesa de Peirópolis, falando que o pó de calcário estava prejudicando. Me questionou, mas eu pedi para ele sair.*

Exc. 10: *O sujeito, por exemplo, tendo propriedade aqui, estudado, conhecedor das coisas. O sujeito faz uma coisa dessa? Depois descobri que ele era amigo do pessoal da mineradora. Tinha uns outros daqui [moradores do bairro] também que não incomodava com isso e dizia que a gente estava errado, que o pó do calcário é bom para agricultura. Eu falava: eu sei que o pó calcário é bom para agricultura, mas a mineradora prejudica tanto a ciência e a cultura como a nossa saúde. Esse lugar não vai ficar valendo! Aí com muito custo, com muito custo, o povo [do bairro] foi entendendo.*

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em Excertos (Exc.) (continuação)

Exc.11: *O povo foi entendendo, lutando, aprendendo, a gente foi empenhando e fazendo acontecer. A semana dos dinossauros era um evento muito importante aqui, fizemos a semana para ficar uma coisa marcante. Ela era em setembro, depois transferiu para outubro por causa da semana da árvore; nós fizemos isso para poder incentivar as crianças a vir, para as escolas trazerem as crianças para Peirópolis. Nesse período quando a gente começou, estava reformando a estaçãozinha [antiga estação ferroviária na época da FEPASA, abandonada com o fim da circulação dos trens na região], ainda não tinha nada aqui não. Nós pensamos em fazer um núcleo com as escolas para os meninos verem como que é. Porque se vem as escolas com o menino, se ele está no banco da escola lendo aquilo, se ele ver na realidade é bem mais gratificante do que ver a imagem no papel, ele vai aprender mais. A gente fez uma análise assim: na semana do dinossauro vem 7 e 8 mil alunos, se 2% se formar em geólogo, paleontólogo, quer dizer que dá um direcionamento desde criança. Quando vem para cá, as crianças veem, tocam, sentem e, isso é melhor do que ele ficar lá na escola só vendo um desenho e pensando será que é desse jeito mesmo?*

Exc.12: *Os pesquisadores acreditam que cada fóssil destes tem de 70 - 80 milhões de ano. Quer dizer que é muito tempo. Por isso, é que tem que andar a ciência e a cultura tudo junto. Essa foi a nossa defesa, isso foi o que a associação empenhava e que tem que ser passado para as gerações futuras. Eu fiquei 4 anos à frente da associação, depois de um tempo veio meu filho, e já foi decidido que o próximo será o meu neto. Me lembro que quando nós estávamos engrenados com o Beethoven, montando a associação, meu filho tinha uns 13 anos e me disse: Papai, você vai caçar uma encrenca, você vai mexer com isso? Eu falei que era uma encrenca boa, porque ela era em defesa de um patrimônio, uma riqueza de todo mundo. Falei: quando vocês crescerem, entenderem por gente, saber o que é a vida, vocês irão fazer parte, vão dar valor. Ah, não deu outra. Quero dizer, já foi meu filho, agora vai estar meu neto. A gente tem que deixar de geração em geração. A gente tem que ensinar. Ensinar a ter amor a lugar que mora, as riquezas que tem onde a gente mora. Aqui é um lugar privilegiado. Olha esses museus!!!!*

Exc.13: *Me lembro quando da inauguração do primeiro museu [da antiga estação], a estação foi reformada e ficou pronta para que os ossos [fósseis] ficassem aqui, tudo isso com o apoio da esposa do prefeito. O povo foi aprendendo a dar valor, muita gente que guardava ossos [fósseis] em casas devolveu. Outros, tem até hoje, não tem jeito! Em 2004, foi inaugurado o outro espaço de cá [salão de exposições]. A UFTM veio em 2008, mais ou menos. Depois do prédio pronto, começou a fazer a transição. Esse prédio foi construído pelo governo estadual e governo federal, mas a prefeitura com a associação ficou tomando conta até fazer a transição para a Universidade. Porque o município não tem dinheiro para manter uma coisa dessa, tem que ser coisa federal, eles fazem os projetos. Isso é muito bom, porque a Universidade é grande, tem condições.*

Exc.14: *Mas, quem está aqui a frente [a UFTM], tem que conversar conosco, porque a gente sabe do que o povo daqui gosta, sabe o que funciona aqui, está aqui todo dia né. A gente sabe da importância do Museu aqui e como a comunidade ajuda. Ela [a localidade de Peirópolis] é uma antes e outra depois do museu. Peirópolis viveu por fases: viveu a fase de quando era fazenda; viveu a fase da implantação da fábrica de cal, que deu muito emprego na época e tudo, aquilo terminou, ficou parado um pouco; ficou na agricultura. Então, veio o Beethoven, na secretaria de cultura, que quis ficar aqui, ele é a mola principal, um sujeito que dedicou a Peirópolis e lutou para que os olhos voltassem para este local. Lembro quando teve o Congresso Paleontológico, a praça era tudo terra não tinha as passarelas.*

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em Excertos (Exc.) (continuação)

<p>Exc.15: Nós sentamos, conversamos com o prefeito à época sobre o congresso que seria realizado e ele mandou gramar tudo para ficar mais bonito. Quando entrou outro prefeito, ele não fez nada para nós aqui. Sempre foi uma luta para fazer um calçamento nas vias. Mas nós não aceitávamos o asfalto na avenida de cima e nem dentro do jardim e no palco, porque tem um projeto falando que aqui vai ser tombado pela Unesco e, a Unesco não aceita asfalto em área tombada, tem que ser calçada com paralelepípedo. Então eles falavam: “esse povo é encrenqueiro”. Mas a gente tem que respeitar as ordens para ser reconhecido. Porque para o político o asfalto é mais fácil. E a gente quer manter as características, porque senão, na metade do caminho, a gente estraga os nossos esforços.</p>
<p>Exc.16: Hoje amadureceu a ideia do geoparque [nome atribuído pela UNESCO em prol de uma política de valorização de uma região que contém um rico patrimônio geológico, priorizando o desenvolvimento econômico da população, a cultura local, as riquezas históricas da localidade e o estímulo do turismo na região]. O geoparque vai ser uma coisa muito boa, vai representar as coisas boas que tem no município. Vai trazer mais gente para conhecer Peirópolis. Aquele que tiver criatividade, vai montar sua coisa na zona rural e vai ter seu ganho, o município vai ficar representativo.</p>
<p>Exc.17: O museu [todos os espaços do MD] tem um impacto no turismo, olha o tanto de restaurante; no ensino; nas pessoas que visitam, a gente vai contando a história daqui, quando as pessoas vêm visitar, muita gente não acredita. Dentro do município de Uberaba não tem uma praça que recebe as pessoas igual a de Peirópolis. Quer dizer que em 30 anos nós transformamos um vilarejo que a mineradora queria destruir, em lugar do reconhecimento, de cultura, de passeio. Não tem nenhuma praça em Uberaba que tem o recebimento de gente fim de semana que nem Peirópolis. Eles, os visitantes, chegam aí, ficam tranquilo com as crianças, com os idosos na maior tranquilidade e aprende da nossa história e da humanidade. Em Uberaba, tem as praças bonitas, mas não adianta. O sujeito está lá sentado e quando menos percebe, vem os malandros encostando um berro [revólver] nele. O ambiente daqui é um ambiente gostoso e tranquilo. Eu fico pensando se vem 2000 pessoas, 1999 fala que o local é gostoso. A gente tem que abraçar com garra e não desistir da luta por aqui não.</p>
<p>Exc.18: O museu tem que ser tocado pela Universidade, pelo pesquisador. Quer dizer que é coisa que a gente não entra no meio, é área deles. Mas a gente está aí no meio olhando, ajudando com o que puder. Vem muito estudioso, gente de fora. O maior do mundo em negócio desenho de dinossauro estudou e se formou aqui. O Rodolfo [paleoartista] e várias outras pessoas importantes na história da comunidade. Nós contamos com Sr. Diógenes, que foi muito importante para a comunidade, era do DNMP, era discípulo do Dr. Price. Ele sempre dizia que poderia dar uma ajuda muito grande para nós, mas que nós tínhamos que mostrar o que existe em Peirópolis. Convencer a comunidade, convencer o sujeito que lutar não dá resultado em uma ou duas semanas. Quer dizer que a coisa tem que ser constante.</p>
<p>Exc.19: Teve muita gente a frente do museu, que não entendia o porquê do museu e como proceder. Veio um professor da Universidade com uma servidora, que encontrou aqui uma ludossauro montatinho [projeto de trabalho lúdico com as crianças criado pelo Beethoven juntamente com a Associação dos Amigos do Sítio Paleontológico de Peirópolis financiado pelo MCTI, a partir da seleção de um edital de fomento para projetos educativos culturais, para as crianças apreendessem sobre os dinossauros, fosseis a partir de atividades práticas e lúdicas. Assim, o projeto previa que as crianças com a “mão na massa”, vendo e tocando nos fósseis, construísse modelões de dinossauros com recursos como massinhas, areia de modelagem, além de recursos visuais entenderiam melhor sobre a era dos dinossauros], eles arreventaram, estourou aquilo tudo. Um projeto da comunidade para as crianças. Eles também montaram uma irrigação ali naquele parque pegando água do poço da comunidade que é municipal. Ficamos em cima e eles tiveram que parar.</p>

Figura 4

Narrativa construída a partir dos diálogos com Sr. Jair, em Excertos (Exc.) (continuação)

Exc.20: *Cercaram as passarelas da praça para ninguém entrar, porque eles queriam por um portão eletrônico na parte de cima e um outro de baixo e iria cobrar para entrar na praça, no Museu dos Dinossauros. Nós fizemos uma audiência pública, convidamos eles e acabamos com a ordem dele. Eles esqueceram que a praça é do povo e da comunidade. Eles proibiram, nessa época, minha filha era diretora aqui da escola [escola municipal da região situada em frente à praça], as professoras de ir com os meninos de brincar na grama, eles diziam que a grama não era lugar de brinquedo e é uai. Nós colocamos seis processos nele... ele desviou dinheiro daqui que era de um projeto para fazer um túnel do tempo, de ligar um museu ao outro [espaços do museu] você passava e ia vendo as eras da humanidade e o período dos dinossauros na terra. Ia ficar uma coisa linda, imagina. Porque se você está aqui na praça parece que você está junto de um dinossauro, imagina com um túnel sentindo que voltou no tempo.*

Exc.21: *A gente vai deixando de geração em geração e vai disciplinando aquele que está metendo a mão do dinheiro porque tudo acrescenta, enriquece, ensina. Hoje se tivesse o túnel do tempo ia trazer mais movimento do local, porque tem mais coisa para ver e aprender. Sou muito feliz de morar aqui, de contribuir com tudo isso aqui, de uma forma simples, a gente vai deixando para o povo conhecimento, ajudando a cultura e o ensino, olho aqui e vejo como tudo é importante.*

Nota. Narrativa extraída da dissertação de Silva (2019, pp. 57–62). Os excertos 12 e 17 foram objetos de uma análise piloto realizada por Silva & Colombo Junior (2021).

É na prática insurgente e desafiadora que propomos o encontro dos museus e de seu entorno, sua vizinhança. O exercício de construção da narrativa apresentada fomentou o delineamento de três unidades de análise, as quais buscam promover uma (re)leitura do Museu dos Dinossauros. São elas: (i) **Histórica**, em que retrata as lutas e disputas da comunidade de Peirópolis para a criação, manutenção e permanência do MD; (ii) **Sócio-Política**, a qual apresenta a mobilização política em defesa do patrimônio paleontológico da região; **Poética-Pedagógica**, em que se reconhece a importância de ações pedagógicas desenvolvidas pelo MD, desde sua criação e, de pertencimento da população local. Na sequência do texto, são apresentadas e discutidas tais unidades de análise em intrínseco diálogo com sua gênese, a narrativa construída. Importa pontuar que, as unidades de análise construídas dialogam com a pesquisa de Pereira (2018), na qual a autora levanta uma discussão sobre a museologia decolonial, investigando os museus que fizeram parte do Programa Pontos de Memórias⁵.

⁵ O programa Pontos de Memória “tem como objetivo promover ações de reconhecimento e valorização da memória social, de modo que os processos museais protagonizados e desenvolvidos por coletivos culturais e entidades culturais, em seus diversos formatos e tipologias, sejam reconhecidos e valorizados como parte integrante e indispensável da memória social brasileira” (Instituto Brasileiro De Museus [IBRAM], 2021, Art. 1º, § único).

Discussões

Unidade de Análise Histórica (UaH)

A UaH, além de contemplar o histórico de lutas e disputas da comunidade local para a criação de um espaço que guardasse e contasse a história e achados fósseis locais e regionais, também apresenta os percursos e resistências ao longo dos anos para a criação de um museu em Peirópolis também integram esta unidade. Compreende ainda as memórias que são contadas e recontadas, as narrativas construídas nas ações do coletivo da comunidade local.

Este é um percurso que foi evidenciado em diferentes momentos da narrativa construída, demonstrando o difícil caminho trilhado pelo Sr. Jair entre se estabelecer enquanto morador de Peirópolis, contribuir na criação da associação de moradores até a inauguração do MD, mantendo viva a história dos achados paleontológicos locais. Alguns diálogos ilustram muito bem as lutas travadas neste percurso, até mesmo no sentido sensibilizar a comunidade local para a importância das riquezas histórico-patrimonial da região: *“Ele [Beethoven] procurou a comunidade para poder se unir e trabalhar em um idealismo só, em prol dos dinossauros. Muita gente falava: isso é bobeira! Mas a gente fez de tudo, lutou muito”* (Exc.02).

A narrativa também elucida que a insistência e a perseverança do Sr. Jair e outros envolvidos em defender os ideais de preservação do patrimônio foram aos poucos contagiando toda a comunidade, a qual passou a entender e se agregar as lutas: *“O povo foi entendendo, lutando, aprendendo, a gente foi empenhando e fazendo acontecer* (Exc.11); *“O povo foi aprendendo a dar valor, muita gente que guardava ossos [fósseis] em casas devolveu”* (Exc. 13). Evidentemente, este não é um movimento fácil, tão pouco rápido. Como retrata o Sr. Jair, *“Convencer a comunidade, convencer o sujeito que lutar não dá resultado em uma ou duas semanas. Quer dizer que a coisa tem que ser constante”* (Exc. 18).

O Sr. Jair traz à tona também o histórico de embates com proprietários e fazendeiros da região na constituição do museu: *“tinha um fazendeiro da região, que até já faleceu, que foi a minha casa para falar que ficou sabendo que estavam formando uma associação em defesa de Peirópolis, falando que o pó de calcário estava prejudicando. Me questionou, mas eu pedi para ele sair”* (Exc.09). Esta é uma luta por vezes desigual, na qual impera o capitalismo, a busca pelo acúmulo de riquezas, em detrimento da manutenção do patrimônio. Felizmente, neste caso graças aos esforços de pessoas da comunidade de Peirópolis, o resultado final foi outro, ou seja, o fechamento da fábrica de cal e a conquista de um espaço para preservação dos fósseis.

Se por um lado, o histórico narrado de construção do MD mostra as barreiras e entraves enfrentados pela comunidade de Peirópolis, por outro, denota a satisfação e sentimento de dever cumprido daqueles que estiveram à frente desta luta: *“Hoje se tivesse o túnel do tempo ia trazer mais movimento do local, porque tem mais coisa para ver e aprender. Sou muito feliz de morar aqui, de contribuir com tudo isso aqui, de uma forma*

simples, a gente vai deixando para o povo conhecimento, ajudando a cultura e o ensino, olho aqui e vejo como tudo é importante” (Exc.21). Registros como estes devem fazer parte da memória das instituições, não deixando invisibilizado àqueles que lutaram para o que temos hoje, concretizada em exposições nos museus. Sobre este aspecto, Carvalho e Leonardi (2022) mencionam que,

a relação entre a descoberta de fósseis por leigos e a Academia Brasileira demonstra um preconceito explícito sobre a importância da descoberta ocasional de fósseis por pedreiros, obras civis ou pela população em geral. Os responsáveis pelas descobertas raramente são citados, sem o devido registro nos livros de registro dos acervos institucionais ou informações presentes nas publicações descritivas de novos espécimes. Lima (1990) em seu estudo sobre os prós e contras da comercialização de fósseis avaliou este aspecto importante para a paleontologia brasileira, que é o envolvimento da população local. No entanto, essa omissão é deliberada e mostra uma repulsa em reconhecer a relevância das comunidades locais para as descobertas científicas (Carvalho & Leonardi, 2022, p. 4).

Com o foco nas exposições, Brulon (2020) chama a atenção para a questão da musealização, para “requalificação simbólica” dos objetos em exposição nos museus, o que produz um apagamento sobre os contextos investigados. Para ele, “o fato de indígenas ainda terem que lutar por sua existência simbólica nos museus da nação não está desvinculado do projeto político de sua eliminação material dos territórios que ocupam ou dos que poderiam vir a ocupar” (Brulon, 2020, p. 22). Entendemos que este apagamento retratado pelo autor não se restringe apenas à “personagens” que fazem parte das exposições, mas também aos contextos de coleta, a aqueles que contribuem para a construção de tais exposição, o que fica evidente nas falas do Sr. Jair.

Unidade de Análise Sócio-Política (UaSP)

A UaSP traz a organização da comunidade de Peirópolis e a mobilização política em defesa do patrimônio paleontológico local e regional. Apresenta a escolha e o reconhecimento de gestores, representantes, conselhos que cuidaram (e cuidam) de questões comunitárias relacionadas ao museu e ao território compartilhado. Aborda ainda as reivindicações por investimentos e pela manutenção do espaço museal, em suas diferentes instâncias, além de problematizar as transformações locais derivadas da instalação do museu, seja elas frente à resistência a mudanças ou a descaracterização de espaços e significados.

A luta política enfrentada pela comunidade de Peirópolis na constituição do MD foi uma das tônicas mais presentes nos diálogos com o Sr. Jair. Em alguns momentos, ele relata de forma bastante contundente o desinteresse de políticos local com a causa, como: *“Estávamos em um período de transição de prefeito. O novo prefeito eleito, entrou e queria estourar o projeto [de construção de um museu]. Não dava importância para cá, por causa pessoal, não sei bem o que aconteceu”* (Exc.03).

Acrescenta ainda, as dificuldades frente a interesses alheios à comunidade, como relatado em uma reunião realizada com a esposa do prefeito: “*Então, ela marcou uma audiência conosco na Fundação Cultural de Uberaba e nós fomos. Chegando lá tinha muita gente, inclusive um radialista, todos puxando para o lado da empresa [mineradora de calcário]*” (Exc.07). Apesar de todas estas dificuldades, as falas do Sr. Jair transmitem a perseverança da comunidade na busca da concretização de um sonho, não se deixando entristecer pelos percalços do caminho. Fato verificado ao mencionar que: “*então fizemos a primeira denúncia contra a mineradora de calcário, uma denúncia na COPAM [Conselho Estadual de Política Ambiental], lá de Belo Horizonte, para que eles [a indústria de calcário] se retratassem do que tinha feito, porque não podia e fomos, fomos lutando*” (Exc.04).

Adentramos na discussão entre política e fazeres museais, refletindo o quanto os investimentos, projetos políticos, posicionamentos das instâncias reguladoras são motivados e demandados por uma pressão e construção coletiva emergidos de distintas realidades. E, também das necessidades que a comunidade vivencia, neste caso da construção do museu e combate a destruição dos fosséis da região. Nesse ponto, destacamos a força comunitária, da coletividade e o campo de tensões que permeiam a sociedade e as instituições regulatórias que abrangem também as questões museais, de preservação e memórias.

Essa discussão propicia-nos olhar e buscar as tensões, as disputas, o reconhecimento das pessoas que edificam esses espaços. Assim, como retrata Chagas (1999), há uma gota de sangue em cada museu, referindo-se a dimensão humana, a não neutralidade, a contradição, os silêncios, as presenças, invisibilidades, aos que (quem) foram lembrados e também esquecidos. Acrescentam-se os conflitos não ficam apenas nas instituições e pautas políticas. Eles estão presentes no seio comunitário, assim como revela o Sr. Jair em sua narrativa, reafirmando o espaço museal como espaço dos diferentes discursos e projetos pelos moradores.

A descaracterização dos espaços da comunidade também é retratada pelo Sr. Jair em sua narrativa. Um dos espaços públicos de Peirópolis é uma grande praça que fica na ligação de dois ambientes do MD (antiga estação férrea e prédio da administração). Hoje está praça também contém réplicas de dinossauros, sendo considerada um espaço de museu a céu aberto. Ocorre que, em determinados momentos da história estes espaços também foram alvo de discussões políticas na constituição do que é hoje, por exemplo narrado nos excertos: “*...nós não aceitávamos o asfalto na avenida de cima e nem dentro do jardim e no palco, porque tem um projeto falando que aqui vai ser tombado pela Unesco e, a Unesco não aceita asfalto em área tombada, tem que ser calçada com paralelepípedo*” (Exc.14); “*Cercaram as passarelas da praça para ninguém entrar, porque eles queriam por um portão eletrônico na parte de cima e um outro de baixo e iria cobrar para entrar na praça, no Museu dos Dinossauros. Nós fizemos uma audiência pública, convidamos eles e acabamos com a ordem dele*” (Exc.19).

Evidenciar essas tensões e conflitos se opera um caminho decolonizador dos museus à medida que colocamos esses espaços como os das experiências, das reivindicações comunitárias, do afeto e da compreensão da sua história. Revelando que o acontecer e cotidiano de um museu de ciências tem em seu seio a relação com os moradores do território, práticas insurgentes e não apenas pelo processo dos cientistas e das instituições públicas.

Unidade de Análise Poética-Pedagógica (UaPP)

A UaPP apresenta o espaço museal a partir de toda a sua sensibilidade, afastando-se da frieza epistêmica e concreta. Caminha em um olhar para o museu que reflete sentimentos de pertencimento, afetos, histórias pessoais que se entrelaçam com a própria história da instituição. Centra-se na invisibilidade da quantificação, validadas pela ciência moderna, sendo sentida e experimentada, por isso tão potente. Reconhece a importância das ações pedagógicas empreendidas no MD a partir do reconhecimento do espaço como um ambiente extraescolar que produz conhecimentos de forma humana, lúdica e histórico-contextual, realizada em experiências sociais e poéticas, as quais levam a imaginação dos visitantes para devaneios sobre a extinção dos dinossauros, a evolução da vida no planeta, etc.

Interessante perceber na narrativa construída que a gênese do MD sempre esteve ligada a uma preocupação sociocultural, ambiental e educacional, para além da manutenção do patrimônio paleontológico. Um fato evidenciado em diferentes momentos das colocações do Sr. Jair, por exemplo, ao relatar que “... *planejávamos muitas coisas. Falamos, então, vamos fazer uma semana de dinossauro? [...] Nessa época [meados dos anos 1990/91], a gente estava lutando ainda para fazer o museu. O museu aconteceu assim!!!*” (Exc.06). Percepção que culminou em diferentes ações educativas no MD, como: semana dos dinossauros, congresso paleontológico, visitas guiadas e oficinas para estudantes e, mais recentemente com a integração do espaço como um dos geossítios do projeto Geopark Terra de Gigantes (Ribeiro, 2014). Neste sentido, a percepção de que aspectos educacionais não ocorrem apenas na escola também é retratada pelo Sr. Jair, mostrando sua sensibilidade com uma formação integral e cidadã: “*Porque se vem as escolas com o menino, se ele está no banco da escola lendo aquilo, se ele ver na realidade é bem mais gratificante do que ver a imagem no papel, ele vai aprender mais*” (Exc.11).

Sr. Jair, mesmo tendo estudado até o segundo ano primário foi um visionário na defesa dos achados paleontológico, seja em uma perspectiva de propiciar conhecimentos à futuras gerações ou defesa do patrimônio. Evidenciando a sabedoria da vida, da experiência social, dos ensinamentos promovidos dos atores sociais com diferentes cenários e pessoas. Descortinar essas narrativas sustenta um caminho museal para que outras histórias, memórias figurem nosso conhecimento e pensamento museológico, despactuando com a homogeneidade do saber (Santos, 2017).

Na poética de um sonho, Sr. Jair deixou transparecer em seus diálogos a sensação de dever cumprido, em que seu sonho foi sendo concretizado e, suas angústias superadas. Sua impressionabilidade humana e de responsabilidade socioambiental ficou latente em

colocações como: “a gente vai deixando para o povo conhecimento, ajudando a cultura e o ensino, olho aqui e vejo como tudo é importante” (Exc.21). Fatos que denotam a percepção do museu também como um dispositivo cultural (Cury 2017; Brulon, 2020).

As análises apresentadas propiciaram uma (re)leitura do museu enquanto transformador do espaço socio-territorial-afetivo e do cotidiano do território ao qual se encontra. A tabela a seguir (Tabela 1) apresenta a correlação entre excertos da narrativa construída e suas respectivas unidades de análises.

Tabela 1

Síntese de correlação entre excertos da narrativa e unidades de análise

Unidade de análise	Excertos (Exc.)
Histórica	Exc.01; Exc.02; Exc.05; Exc.06; Exc.09; Exc.10; Exc.12; Exc.14; Exc.18; Exc.21
Sócio-Política	Exc.02; Exc.03; Exc.04; Exc.05; Exc.06; Exc.07; Exc.10; Exc.15; Exc.20
Poética-Pedagógica	Exc.08; Exc.10; Exc.11; Exc.12; Exc.14; Exc.15; Exc.16; Exc.17; Exc.19; Exc.21

Nota. dos autores, a partir das análises realizadas.

Na Tabela 1 é possível perceber a sobreposição de unidades de análise, evidenciando, por um lado, a complexidade de pesquisas com pessoas e, por outro que nem sempre é possível traçar linhas fronteiriças entre as instâncias analíticas delineadas, ou seja, é um movimento complexo e não intuitivo no sentido de compartimentado. E, é perfeitamente aceitável que tais entrelaçamentos de unidades ocorram, visto que, como percebido ao longo das análises aspectos históricos podem estar imbricados em fatos sócio-políticos, ou ainda, questões educacionais podem derivar de posições políticas e sociais, entre outras interrelações.

Ampliando este entendimento, é possível vislumbrar que as instituições museais são espaços que vão além de artefatos físicos, as quais devem (ou deveriam) agregar valores de experiências, imaginação, lutas, inter-relações de indivíduos, manutenção de diferentes afetos, feitos, ressignificados e sentidos. No olhar atento às narrativas, notou-se a participação da comunidade na gestação e nascimento do museu, os atos de resistência que possibilitaram a presença do MD em Peirópolis. Isto posto, concordamos com os olhares de Carvalho &Leonardi (2022) de que,

as descobertas paleontológicas e o conhecimento resultante não podem ser considerados um trabalho isolado dos pesquisadores que analisam os fósseis. A contribuição das populações locais, agricultores, trabalhadores da construção civil e pedreiras deve ser valorizada, com reconhecimento formal através do registo documental nas coleções, bem como nos textos científicos que são publicados. (p. 20)

Apontamentos Finais

As unidades de análises apresentadas permitem perceber a importância em ouvir e narrar fatos sob a ótica de quem vivenciou a construção do MD. Os diálogos sistematizados na narrativa possibilitaram olhar para o museu em um sentido que as histórias de vida de um morador local se inter cruzam e amálgama com as histórias da instituição, um museu que ganha cor, voz, vivências, emoções, afetos, conflitos, personagens, enredos e tramas. Um museu redescoberto, ressignificado!

A narrativa do Sr. Jair demarca o museu e os processos museais, especificamente do MD, nas discussões das políticas públicas, das tensões, conflitos socioespaciais e jogos de poder, do compromisso social inerente e “missionário” dos museus, dos laços de afetividade, pertencimento, de desenvolvimento econômico/social/territorial, dos processos participativos na constituição e cotidianos dessa instituição.

As questões que foram evidenciadas pelo Sr. Jair, temáticas e assuntos caros a pesquisadores e estudiosos museais, foram produzidas pelas vivências, sentidos e práxis com o museu pelo narrador, traduzindo o registro de que “toda experiência social produz e reproduz conhecimento” (Santos, 2006, p. 9), e levando-nos enquanto pesquisadores a assumir o reducionismo e a limitação das nossas pesquisas não atravessadas pelas experiências, sentidos e saberes outros. Por isso, a necessidade de reconhecimento e validação dos saberes produzidos nas práticas sociais.

Aproximar dessa narrativa nos possibilitou inserir um museu de ciências, costumeiramente “enrijecidos” em suas exposições, mediações, objetivos, finalidades, nas anunciações e práticas da museologia sociais que enuncia que as instituições sejam espaços mais dialógicos, integrados, ativos e integrativos com a sociedade, com o seu entorno, sua vizinhança, seu território e territorialidades (Siqueira, 2019).

Antes de concluir, importa apontar para o caráter político dos espaços museais, não apenas por resistir e formular ações estratégicas para a valorização de outros saberes, mas também por recorrer através das lutas e movimentos sociais para que as suas ações estejam dentro das agendas políticas e recebam financiamentos públicos. Fruto dessas ações, foram a criação do Ibram (Instituto Brasileiro dos Museus), em 2009; a criação dos Pontos de Memórias, programa de reconhecimento político, e fomento para os museus comunitários, em 2010; o fortalecimento da pasta do ministério da Cultura entre os anos de 2010–2015 (Castro, 2018).

Assistimos nos últimos anos, sobretudo a partir de 2018, uma diminuição de recursos para a cultura e para várias outras pastas que ameaçam a continuidade de projetos, da permanência dos museus comunitários, da visibilidade de outros saberes. São nesses tempos, nessas circunstâncias de desmantelamento de projetos, de instabilidade política, do receio do que está por vir que as esperanças não somem pelos que estão na vanguarda, no protagonismo da motivação comunitária, nos saberes produzidos pelas experiências, resiliência, resistência.

Sabedoria como as apresentadas na narrativa do Sr. Jair, na impossibilidade de grandes vitórias em lutas que são racionalmente invencíveis, mas que encontram nas gretas ações para demonstrar que ainda persistem, sobrevivem, estão pulsando e fazendo acontecer pequenas conquistas. São as cores, a solidariedade, os sons, os festejos, a espiritualidade, as experiências sociais comunitárias, a poética, que não deixam os dias totalizar com os tons cinzentos e sentimentos de luto e perda.

Olhar o museu, independe de sua tipologia, narrado, experienciado, sentido, faz-nos acreditar na luta museológica para a transformação social, para a divulgação científica, para favorecer as aprendizagens, ser um local de descobertas e possibilitar que múltiplos afetos, sentidos, sensações, compreensões, reconhecimentos dos patrimônios, saberes sejam vivenciados. Os espaços museais têm nas bases teóricas da museologia social, um aliado para aproximar dos visitantes, favorecer a democratização do conhecimento, dialogar com as pautas sociais e favorecer o desenvolvimento local.

Percebemos isso na tentativa realizada na pesquisa em conhecer o MD a partir do processo de construção narrativa, em que foi possível considerar aquele território, local geográfico espacial com uma riqueza fóssilífera e com um museu científico potente para se conhecer a paleontologia brasileira. Mas, também vinculado com seu entorno, comprometido com o desenvolvimento social econômico cultural da região, que reconhece e visibiliza os laços de pertencimento, que se faz e refaz no cotidiano com os atores sociais com os quais compartilham territórios. Finalizamos, apontando para a museologia social e construções decoloniais enquanto enredos e dispositivos valiosos para a ecologia dos saberes, de sujeitos e práticas, todos marcados por potencialidades e limitações diante das demandas sociais. São instrumentos que desafiam e configuram a luta contra a dominação e homogeneização do conhecimento e apagamento de histórias, mesmo porque, “museus não são feitos só de paredes. Seus objetos são investidos de um discurso encenado por certos atores” (Brulon, 2020, p. 3).

Agradecimentos

Aos moradores do bairro rural de Peirópolis, em especial ao Sr. Jair por aceitar participar desta pesquisa, compartilhando suas histórias de vida e lutas junto à comunidade local. À direção do Complexo Cultural e Científico de Peirópolis — CCCP, do qual o Museu dos Dinossauros faz parte, por sempre apoiar a realização de pesquisas na instituição. Aos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências (GENFEC).

Referências

- Andre, M. E. D. A. (1984). Estudo de Caso: Seu Potencial na Educação. *Cadernos de Pesquisa*, (49), 51–54. <http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/n49/n49a06.pdf>
- Assis, W. F. T. (2014). Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. *Caderno CRH*, 27(72), 613–627. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000300011>

- Avilla, M. A. (19 de Março, 2021). Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos? *Politize!* <https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade>
- Carvalho, I. de S., & Leonardi, G. (2022) The Invisibles of Science and the Paleontological Heritage: the Brazilian Study Case. *Geoheritage*, 14(107), 1–23. <https://doi.org/10.1007/s12371-022-00737-1>
- Castro, F. S. R. de. (2018). *Construindo o campo da educação museal: um passeio pelas políticas públicas de museus no Brasil e em Portugal* [Tese de Doutorado]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.
- Chagas, M. S. (1999). Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. *Cadernos de Sociomuseologia*, 13(13), 1–140. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/30>
- Chagas, M. S. (2022). Memória bravia da educação museal ou prefácio. In F. Castro, O. Soares, & A. Costa (Org.), *Educação Museal: conceitos, história políticas* (pp. 10–16). Museu Histórico Nacional.
- Chizzotti, A. (2003). A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 16(2), 221–236. <https://revistas.rcaap.pt/rpe/issue/view/1457/371>
- Cohen, R. J., & Swerdlik, M. E. (2014). *Testagem e avaliação psicológica – introdução a testes e medidas* (8ª ed). Artmed.
- Cury, M. X. (2017). Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão. *Cadernos Cimeac*, 7(1), 184–211. <https://doi.org/10.18554/cimeac.v7i1.2199>
- Khoury, Y. A. (2006). O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In L. M. Maciel, P. R. Almeida, & Y. A. Khoury (Orgs.), *Outras histórias: memórias e linguagens* (pp. 22–43). Olho d'Água.
- Leite, P. P. (20–22 de Agosto, 2018). *Árvore das memórias: Oficina de Museologia Social sobre objetos biográficos* [Comunicação em Conferência]. X Seminário de Investigação UFBA — Sociomuseologia, Universidade Federal da Bahia.
- Marandino, M. (2022). A invisibilização dos povos da floresta amazônica nos dioramas de museus: reflexões para educação e divulgação da ciência. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 15(2), 788–807. <https://doi.org/10.46667/renbio.v15inesp2.757>
- Pereira, M. R. N. (2018). *Museologia decolonial: os pontos de memória e a insurgência do fazer museal* (Tese de Doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal). ReCiL — Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/9535>

Portaria Ibram nº 579, de 29 de Julho de 2021 (2021). Dispõe sobre a instituição do Programa Pontos de Memória no âmbito do Instituto Brasileiro de Museus - Ibram e dá outras providências. Ministério do Turismo. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-579-de-29-de-julho-de-2021-335477846>

Ribeiro, L. C. B., Winter, C. V. P., Martinelli, A. G., Macedo Neto, F., & Teixeira, V. P. A. (2014). O patrimônio paleontológico como elemento de desenvolvimento social, econômico e cultural: Centro Paleontológico Price e o Museu dos Dinossauros, Peirópolis, Uberaba (MG). In I. S. Carvalho, M. J. Garcia, O. Strohschoen Jr, & C. C. Lana (Orgs.), *Paleontologia: Cenários de Vida. Paleoclimas*, 5 (pp. 765–774). Editora Interciência.

Ribeiro, L. C. B. (2014). *Geoparque Uberaba – Terra dos Dinossauros do Brasil* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro). https://www.sgb.gov.br/publique/media/gestao_territorial/geoparques/tesedoutorado_geoparques.pdf

Santos, B. S. (2006). *A gramática do tempo*. Afrontamento.

Santos, B. S., & Meneses, M. P. (2009). *Epistemologias do Sul*. Almedina.

Santos, B. S. (2018). Aula 1: Por que as Epistemologias do Sul? In B. S. Santos (Org.), *Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011–2016* (pp. 23–54). Cortez Editora.

Santos, B. S. (17 de Maio, 2022). *Aula Magna PPGant – UFGD: Epistemologias do Sul e as Fronteiras Abissais* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=RaqolojeOyM&lc=UgykcaLX3B6FPB-W-YR4AaABAg>

Santos, S. S. (2017). *Ecomuseus e museus comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.103.2017.tde-13122017-091321>

Silva, M. B. C., & Colombo Junior, P. D. (2021). Museu dos Dinossauros: perspectivas da museologia social sob lentes e vozes da comunidade do entorno. *Revista Dialogo Educacional*, 21(69), 564–590. <https://doi.org/10.7213/1981-416x.21.069.ds03>

Silva, M. B. M. C. (2019). *Museologia social: a relação museu-comunidade a partir de vozes que construíram e constroem o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais). <http://bdtd.ufm.edu.br/handle/123456789/1141>

Siqueira, J. M. (2016). Museologia social e educação: o poder da memória para descolonizar o ensino. *Revista Fórum Identidades*, 22(22), 85–100. <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/6208/5172>

Siqueira, J. M. (23 de Janeiro, 2018). Proximidade e escuta do outro: desafios metodológicos para a produção partilhada de conhecimento em sociomuseologia. *Anais Eletrônicos, Congresso Internacional Epistemologias do Sul*, 2(1), 194–200. <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/830/870>

Siqueira, J. M. (2019). *A educação museal na perspectiva da sociomuseologia: proposta para uma cartografia de um campo em formação* (Tese de doutorado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, Portugal). ReCiL — Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/9448>

Starman, A. B. (2013). The case study as a type of qualitative research. *Journal of Contemporary Educational Studies*, 64(1), 28–43. <https://www.sodobna-pedagogika.net/en/archive/load-article/?id=899>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). (2022). *Museu dos Dinossauros. Histórico, Pesquisa, Ensino, Fósseis, Extensão e Geoturismo*. Ministério da Educação. <https://www.uftm.edu.br/museudosdinossauros>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). (10 de Janeiro, 2023). *Museu dos dinossauros registra recorde de visitas em 2022*. Ministério da Educação. <https://uftm.edu.br/ultimas-noticias/4427-museu-dos-dinossauros-registra-recorde-de-visitas-em-2022>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª ed., D. Grassi., Trad.). Bookman.

 **Maria Betânia Moreira Carvalho Silva**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Uberaba, Minas Gerais, Brasil
maria.betania@uftm.edu.br

 **Pedro Donizete Colombo Junior**

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Uberaba, Minas Gerais, Brasil
pedro.colombo@uftm.edu.br

Editora Responsável

Silvania Sousa do Nascimento

Manifestação de Atenção às Boas Práticas Científicas e de Isenção de Interesse

Os autores declaram ter cuidado de aspectos éticos ao longo do desenvolvimento da pesquisa e não ter qualquer interesse concorrente ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado no texto.
